

# Como se estuda filosofia?

Desidério Murcho  
Universidade Federal de Ouro Preto  
Departamento de Filosofia

## 1. Introdução

Estas breves notas visam ajudar os estudantes a estudar melhor. Muitas das indicações dadas aplicam-se ao estudo de qualquer área, e não apenas da filosofia.

A base do estudo é a leitura atenta e activa de livros adequados, complementada pelo esclarecimento e discussão oral. Por isso, iremos explicar 1) o que são livros adequados, 2) o que é a leitura atenta e activa, 3) o que é o esclarecimento e discussão oral – e como estes diversos elementos se relacionam e enriquecem mutuamente.

## 2. Saber que não se sabe

Uma dificuldade séria dos estudantes mal preparados é serem incapazes de distinguir o que sabem do que não sabem e o que compreendem do que não compreendem. Estudantes habituados a repetir ideias à toa, sem uma genuína compreensão, não têm consciência do que não sabem. Ora, sem esta consciência, o estudante não só não procura a ajuda dos professores e colegas, como não sabe o que precisa de fazer por si mesmo para colmatar as suas lacunas de compreensão.

Para que tenhamos consciência do que não sabemos ou do que não compreendemos temos de ser honestos connosco mesmos. Isso significa fazer uma pergunta muito simples: “O que quer esta parte do livro realmente dizer?” Fazer esta pergunta muito honesta, a cada parte que lemos, permite-nos descobrir quando não estamos lendo um texto adequado para o estado do nosso conhecimento. Num texto adequado ao estado do nosso conhecimento poderá haver dois ou três aspectos de pormenor que não compreendemos. Porém, se lemos um livro e não compreendemos quase nada, isso significa que temos de procurar outro livro que nos explique o que precisamos de saber para podermos compreender o primeiro. Ou seja, temos de procurar bibliografia introdutória adequada aos nossos conhecimentos. Ler a *Crítica da Razão Pura* de Kant sem saber previamente filosofia é uma má ideia por isso mesmo.

Responder de modo honesto à pergunta acima é mais difícil do que parece. Os estudantes mal preparados habituaram-se de tal modo a repetir palavras e expressões sem qualquer compreensão real que consideram erradamente saber responder à pergunta acima. Isto porque confundem uma resposta adequada à pergunta com duas respostas inadequadas.

A primeira resposta inadequada é a repetição do que leram, aproximadamente pelas mesmas palavras. Que isto não resulta de uma compreensão genuína torna-se manifesto se formos honestos e nos perguntarmos se realmente entendemos o livro ou se estamos apenas a repetir mais ou menos as palavras. Repetir mais ou menos as palavras de um livro não é uma actividade com interesse cognitivo. É uma tarefa que uma máquina pode ser programada para fazer. Parafrasear livros é uma tarefa intelectualmente inane que, além de não contribuir para a nossa formação intelectual e humana, contribui para a nossa deformação – dando-nos a ilusão de que compreendemos quando na verdade não compreendemos.

A segunda resposta inadequada é falar à toa de coisas que não têm qualquer relação relevante com o que está no livro. Isto acontece quando o estudante não consegue explicar correctamente o que está no livro, mas o professor não quer uma mera paráfrase. Contudo, falar à toa não é explicar com rigor o que está no livro; é apenas conversa fiada.

Quando levamos a sério a nossa formação intelectual e humana não queremos parafrasear o que estudamos nem falar disso à toa. O que queremos, ao invés, é a correcta e rigorosa compreensão do que estudamos. A compreensão correcta e rigorosa do que estudamos manifesta-se na formulação e expressão precisa das ideias estudadas. A formulação e expressão rigorosa das ideias estudadas é uma competência muito diferente da mera paráfrase acéfala ou do falar à toa. A competência para formular e exprimir com rigor as ideias estudadas é um trabalho que envolve inteligência, deliberação e escolha da nossa parte. Não se trata de falar à toa do que nos vem à cabeça ao ler aquele livro, nem de repetir sem pensar o que lemos, mas antes de manifestar da maneira mais rigorosa possível a maneira como entendemos as ideias estudadas.

### 3. Leitura atenta e activa

A leitura atenta é o que nos permite formular com rigor as ideias estudadas. Porém, é crucial distinguir a formulação rigorosa do que estudamos, da nossa reflexão activa sobre o que estamos estudando. A primeira tarefa é descritiva; a segunda não o é. A primeira tarefa descreve apenas o que pensa o autor que estamos estudando. Esta tarefa pode ser muitíssimo mal feita, caso em que é uma mera paráfrase ou um discurso à toa; mas mesmo que seja muitíssimo bem feita, é meramente descritiva. Tudo o que se obtém é uma descrição rigorosa do pensamento do autor.

A segunda tarefa é a finalidade da primeira, num ensino de excelência. Não basta compreender rigorosamente o pensamento do autor; é também preciso aprender a discuti-lo. Isto significa levantar objecções e contra-exemplos às ideias estudadas.

Numa concepção inadequada do ensino espera-se que o aluno seja primeiro capaz de descrever de maneira absolutamente correcta o pensamento de um dado autor, só estando autorizado a discuti-lo depois disso. Porém, esta não é a maneira humana normal de aprender. O resultado deste tipo de ensino é formar repetidores incapazes de avaliarem por si mesmos as ideias que repetem.

No ensino de excelência, os dois aspectos alimentam-se mutuamente. Fazer uma objecção tola a uma ideia estudada é uma excelente maneira de descobrir, com a ajuda dos professores e colegas, que não a entendemos adequadamente. É uma excelente maneira de descobrir que precisamos de compreender melhor a ideia estudada. Sem esta liberdade para errar, os estudantes entendem igualmente mal as ideias estudadas mas, como se limitam a parafraseá-las, nem o professor nem eles mesmos se apercebem disso.

Por outro lado, fazer uma objecção inteligente a uma ideia estudada é a melhor expressão da completa compreensão da mesma.

Assim, a leitura atenta de um livro permite a compreensão correcta das ideias do autor, que se manifesta na sua formulação rigorosa. Esta leitura atenta alimenta e é alimentada pela leitura activa. Esta consiste em perguntar a cada passo que razões temos para aceitar ou rejeitar as ideias que estamos estudando. A combinação harmoniosa das duas leituras constitui o núcleo do que é estudar adequadamente filosofia.

Eis as perguntas centrais a fazer na leitura atenta de um livro:

- a) Quais são as ideias centrais?
- b) Quais são as ideias secundárias que alimentam as centrais?
- c) Como se relacionam exactamente os dois tipos de ideias?
- d) Que razões apresenta o autor a favor das suas ideias?

Na leitura atenta precisamos de distinguir as diferentes partes do que estamos estudando, e como elas se relacionam entre si. Numa leitura inadequada as diversas ideias que lemos surgem apenas em aleatória sucessão, sem qualquer hierarquia, organização e estrutura. Para que tenhamos uma compreensão adequada do que lemos, não basta soletrar e depois fazer listas das coisas que encon-

tramos ao ler. É preciso distinguir cuidadosamente as diferentes partes do que lemos. Uma parte são as ideias defendidas. Outras são as ideias usadas para defender essas. Uma ideia é principal, outra resulta dessa e é secundária. Além disso, o que lemos está muitas vezes adequadamente dividido em secções, capítulos ou partes. Se o que estamos lendo está adequadamente escrito, essas diversas partes abordam ideias diferentes e têm diferentes papéis. Numa leitura atenta, damos muita atenção a todos estes aspectos.

Vejamos dois instrumentos lógicos elementares que nos permitem distinguir diferentes partes de um texto.

O primeiro são os indicadores de premissa e conclusão. Estes indicadores são expressões da língua portuguesa que indicam a presença, respectivamente, de premissas e conclusão. Distinguir umas das outras é crucial para a compreensão adequada de um texto.

Indicadores de premissa	Indicadores de conclusão
porque...	logo...
pois...	portanto...
dado que...	por isso...
visto que...	por conseguinte...
devido a...	implica que...
a razão é que...	daí que...
admitindo que...	segue-se que...
sabendo-se que...	infere-se que...
supondo que...	consequentemente...

Os indicadores de premissa assinalam a presença posterior de uma premissa; a conclusão, contudo, tanto pode surgir antes como depois. Já os indicadores de conclusão assinalam a presença posterior de uma conclusão; a premissa ou premissas, contudo, tanto pode surgir antes como depois.

Detectar raciocínios nos textos e distingui-los das afirmações não tem grande relevância se não tivermos instrumentos lógicos, ainda que elementares, para avaliar raciocínios, distinguindo os bons dos maus. Todavia, este não é o lugar para ensinar os elementos básicos da lógica informal e formal.

O segundo instrumento lógico que nos ajuda a ler atentamente é a consciência do papel lógico desempenhado por algumas palavras cruciais: “não”, “se”, “ou”, “e”, “todos”, “alguns”, “nenhum”, “possível”, “necessário”, “contingente”. Só um domínio da lógica permite avaliar plenamente o significado das afirmações em que ocorrem estas palavras. Contudo, estar atento a elas e ao papel que desempenham, mesmo que não se saiba lógica, já é um importante passo em frente. O importante é ter consciência de que os textos não são apenas uma amálgama de palavras; diferentes palavras e expressões desempenham diferentes papéis, tal como diferentes partes do texto. E precisamos de perguntar a cada passo que relação tem uma dada parte com outras partes e com o todo.

Quanto à leitura activa, resulta de responder às seguintes perguntas:

- e) As ideias do autor são plausíveis? Porquê?
- f) Quais das ideias do autor são menos plausíveis e porquê?
- g) As razões apresentadas pelo autor a favor das suas ideias são boas? Porquê?
- h) Somos capazes de levantar objecções e imaginar contra-exemplos às ideias do autor? Quais?

A leitura activa só é plenamente possível quando se domina pelo menos alguns instrumentos lógicos elementares. Estes instrumentos permitem detectar raciocínios e distinguir estes das meras afirmações; permitem também analisar os raciocínios para ver se são cogentes. Daí a importância de es-

tudar pelo menos os elementos centrais da lógica informal e formal. Sem isso, é quase impossível fazer boa filosofia.

#### 4. Esclarecimento e discussão orais

A leitura atenta e activa dos livros é o núcleo sem o qual o estudo sério não é procedente. Este estudo enriquece e é enriquecido pelo esclarecimento e discussão orais, que passamos a explicar de seguida. Porém, é bom ver desde já que na ausência de uma leitura atenta e activa, a parte oral do ensino se torna uma mera conversa fiada destituída de interesse formativo.

Pensemos com cuidado no tipo de aulas mais comuns, a que os ingleses chamam *the sage on the stage* (o sábio no palco). Que sentido faz um professor estar falando, de maneira vaga e desordenada, do que ele pode dar por escrito aos estudantes, de maneira rigorosa e organizada? Esta maneira de ensinar era certamente a única possibilidade até à invenção da imprensa; até aí, os livros eram proibitivamente caros e nem sequer havia papel barato. De modo que nem os estudantes podiam ler os próprios livros nem o professor podia dar-lhes fotocópias dos seus artigos e materiais didácticos. A única coisa que se podia fazer era o professor falar num palco e os alunos tentarem compreender tudo aquilo, sem poderem sequer tirar apontamentos porque não tinham papel.

Só que hoje estamos no séc. XXI. Temos papel. Temos iPads. Temos Internet. Temos fotocópias. E temos até livros, algo que os responsáveis educativos tendem a esquecer quando pensam em educação. Encarar o professor como uma espécie de livro oral dificilmente é a maneira mais lúcida de encarar o ensino. Na verdade, é uma das muitas maneiras de tornar difícil o ensino de excelência.

A alternativa ao *sage on the stage* é o *guide on the side* (o guia ao lado). Neste modelo de ensino, a parte oral existe e é crucial, mas precisa de estar apoiada na leitura atenta e activa dos estudantes. A parte oral do ensino é então dedicada exclusivamente ao esclarecimento das leituras e à sua discussão activa. O professor ajuda a esclarecer e a discutir; mas não expõe o que já está mais bem exposto por escrito.

O esclarecimento oral das leituras e a sua discussão oral activa permitem duas coisas importantes ao estudante e ao professor. Primeiro, compreender mais profundamente as leituras. Erros de compreensão e compreensões inadequadas ou incompletas vêm à superfície no esclarecimento oral das ideias estudadas. Segundo, ganhar a autonomia intelectual para avaliar activamente as ideias estudadas, ao invés de nos limitarmos a compreendê-las. Objecções e contra-exemplos que não nos ocorreram na nossa leitura pessoal activa, ocorreram a outro colega ou estudante, que as formula oralmente na sala de aula.

#### 5. O exercício da escrita

A leitura atenta e activa e o esclarecimento e discussão oral visam uma formação intelectual adequada, ainda que elementar e mínima. A manifestação mais óbvia de uma formação intelectual adequada é a capacidade para redigir textos rigorosos e cognitivamente relevantes. Uma das desvantagens do ensino quase exclusivamente oral é não tirar o estudante da mentalidade oral em que já está mergulhado, mentalidade em que nunca se distingue bem a expressão rigorosa de ideias sofisticadas da mera simulação que ocorre no discurso à toa e na paráfrase acéfala. A capacidade para escrever de maneira rigorosa, articulada e organizada não é uma mera exigência escolar. Cultivar esta capacidade aumenta a nossa inteligência porque aumenta a nossa capacidade para pensar de maneira sofisticada.

O exercício da escrita pode e deve começar com a própria leitura activa e atenta dos textos, culminando na produção de ensaios. O exercício mais básico de escrita é a descrição rigorosa, mas não a paráfrase, das ideias que estamos lendo. Na sua forma mais simples, este exercício consiste em ler atentamente um dado texto para, no dia seguinte, e sem quaisquer apontamentos, expli-

caros com rigor, num texto da nossa autoria, as ideias centrais e respectiva articulação do texto que lemos. Depois, comparamos o que escrevemos com o texto estudado e vemos muito claramente as nossas próprias deficiências de compreensão. E, em caso de dúvida, pedimos ajuda ao professor e aos colegas.

A leitura atenta e activa, por um lado, e o esclarecimento e discussão oral, por outro, permitem então a redacção de ensaios plenamente autónomos em que discutimos ou descrevemos ideias de maneira rigorosa e autónoma. Repare-se que um ensaio destes pode ser meramente descritivo; mas a descrição rigorosa de ideias sofisticadas, porque não é uma mera paráfrase nem uma mera associação arbitrária de palavras e ideias, é em si um trabalho cognitivamente muitíssimo relevante.

## 6. Conclusão

As indicações e esclarecimentos anteriores são meros guias. Podem e devem ser violados sempre que se revelarem obstáculos a uma formação intelectual genuína. Um dos maiores obstáculos à formação intelectual de excelência é a ideia infantil de que tudo se resolve com meia-dúzia de receitas mecânicas simples. O que nos permite ter uma formação intelectual de excelência é precisamente a permanente invenção de maneiras melhores e mais eficientes de aprendermos com o mundo, com os outros e connosco mesmos.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Versão 2. Agradeço as correcções de Júlio César Bertelli.